



Da oração ao descanso

D. Jorge Pina Cabral

«Andamos tão absorvidos pela missão de Deus que nos esquecemos do Deus da missão». O alerta foi feito no decorrer de um encontro de Igreja e a reflexão era enquadrada pela leitura bíblica de Jesus em casa de Marta e de Maria (Lucas 10, 38-42). Dei comigo a pensar na verdade deste aviso e ao mesmo tempo nos riscos que corremos, quando, por excesso de trabalho e de preocupações na Igreja, deixamos de alimentar através da oração, a nossa relação íntima e pessoal com Deus.

Jesus não critica Marta pelo seu atarefado trabalho doméstico mas adverte-a para a necessidade de «escolher a melhor parte», ou seja, de complementar as tarefas quotidianas com um tempo de qualidade e de comunhão com a Sua pessoa que certamente a ajudará nas suas responsabilidades e deveres. Como Marta também nós necessitamos de «escolher a melhor parte», que é Jesus Cristo, e deixar que através da oração, o Filho nos conduza ao Pai, na Sua permanente oração filial e sacerdotal. Tal como se ofereceu para estar com Marta e Maria, Jesus oferece-se hoje para estar connosco em oração perante Deus Pai. Ele é aquele que na ação do Espírito Santo nos conduz ao Pai aclarando deste modo o sentido e a espiritualidade do trabalho que somos chamados a realizar em Igreja.

Urge por isso, recentrarmo-nos na aprendizagem e na vivência da Oração, enquanto alimento espiritual indispensável e suporte ao trabalho de missão que desenvolvemos em Igreja. Cada um e cada comunidade em Igreja deve criar o seu tempo e espaço próprio de oração. Na oração o verdadeiro trabalho é de Deus e não nosso, o nosso agir dá lugar ao agir de Deus em nós na ação do Espírito Santo: «*nós não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito pede a Deus por nós com gemidos que não se podem explicar*» (Romanos 8,26). Orar é diferente de rezar ou de recitar fórmulas. Orar é mais, muito mais do que pedir somente. Orar requer a linguagem do silêncio capaz de acolher a palavra criadora de Deus.

Uma outra consequência em estarmos muito absorvidos pelo trabalho de missão, prende-se com o cansaço que o excesso de atividade sempre acarreta. Jesus não

nos quer cansados e ansiosos naquilo que fazemos em Igreja. Ele próprio e frequentemente como os Evangelhos nos mostram (Mateus 14,13; Marcos 1,35), sentia a necessidade de se retirar para locais mais calmos, capazes de lhe proporcionarem o necessário contexto de oração e de descanso físico. Aquilo que o Senhor sentia ser importante e necessário ao cumprimento da sua missão, partilha-o também com os seus discípulos, quando os convida a irem com ele a um lugar sossegado para descansarem um pouco (Marcos 6, 31). Ao contrário do que por vezes pensamos, o usufruto do tempo de descanso requer o trabalho da organização pessoal, do planeamento da agenda diária e do definir de prioridades. Muitas vezes o problema não é a falta de tempo mas a má organização do tempo diário. Viver a fé em Cristo requer disciplina e auto-organização no contexto da frenética sociedade em que vivemos e das naturais exigências da missão da Igreja.

Cristo está assim, atento e disponível para cada um de nós, particularmente quando pelas circunstâncias da vida nos sentimos cansados, e daí a razão do seu sempre renovado convite: «*venham ter comigo todos os que andam cansados ... e eu os vos darei descanso ... juntem-se a mim ... e assim o vosso coração encontrará descanso*» (Mateus 11, 28-29). O verdadeiro descanso está em Cristo e no modo como n'Ele permanecemos. Ele melhor do que ninguém percebe as verdadeiras razões dos nossos «diversos cansaços», sejam eles físicos, mentais, afetivos, espirituais ou até ... existenciais. Jesus quer dar descanso ao nosso coração, ao nosso ser mais íntimo e profundo.

Neste tempo estival e de férias, a oportunidade está aí. O descanso é tão necessário ao nosso equilíbrio quanto a oração é necessária à missão.

Que saibamos combinar os dois na harmonia perfeita e revigorante que Jesus sempre nos oferece.

Boas férias !